



## Contribuições da Semiótica às práticas de multiletramento

Silvia Maria de Sousa\*

Lucia Teixeira\*\*

**Resumo:** O artigo toma como parâmetro teórico a Semiótica discursiva, teoria geral da significação, que favorece a abordagem de qualquer texto ou prática social por meio de instrumentos metodológicos consistentes, para refletir sobre os multiletramentos. Considera-se que tal conceito se assenta sobre dois eixos principais: as relações entre linguagens na produção de textos sincréticos e as práticas sociais em que são postos em circulação. Para exemplificar as possibilidades de análise e as contribuições para o ensino delas decorrentes, o artigo aborda, à luz dos níveis de pertinência propostos por Fontanille e do conceito de sincretismo, o ensino de leitura na escola, percorrendo diversos gêneros como notícia, capa de livro, blog, narrativa de aventuras e abaixo-assinado digital. A análise pretende contribuir para enfrentar os desafios impostos pelos textos, objetos e práticas contemporâneas ao ensino de leitura. Busca-se ainda intensificar o diálogo entre a semiótica e as teorias sobre ensino e multiletramentos.

**Palavras-chave:** multiletramentos; letramento digital; práxis enunciativa; sincretismo; práticas semióticas.

## Introdução

O mais novo documento de orientação ao ensino fundamental no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2018, reserva grande parte dos conteúdos didáticos para o ensino de português do sexto ao nono anos aos materiais digitais, às novas mídias de informação e a gêneros emergentes, como meme, postagem, podcast, comentário etc. Alerta entretanto que:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impreso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e

---

.DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.165201 .

\* Docente do Departamento de Ciências da Linguagem, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. Endereço para correspondência: [silviamsousa05@gmail.com](mailto:silviamsousa05@gmail.com) . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4069-5778> .

\*\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. Endereço para correspondência: [luciatso@gmail.com](mailto:luciatso@gmail.com) . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9519-8827> .

do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais. (BRASIL, 2018, p. 67)

O termo letramento conhece vasta conceituação teórica no meio acadêmico e escolar de modo geral, tendo surgido para denominar a prática de leitura e escrita que, ao ultrapassar a “mera aquisição da ‘tecnologia’ do ler e do escrever” (Soares, 2009, p. 18), lança o sujeito nas práticas sociais da leitura e da escrita, permitindo-lhe que delas se aproprie. Seria adequado supor, considerando o tempo em que o conceito entrou em circulação, que a prática do letramento estaria plenamente implementada nas escolas brasileiras. No entanto, Magda Soares aponta algumas condições para a implementação do letramento que parece não terem sido ainda resolvidas:

É preciso que haja, pois, condições para o letramento. Uma primeira condição é que haja escolarização real e efetiva da população – só nos demos conta da necessidade de letramento quando o acesso à escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar a um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever. Uma segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura. O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. (Soares, 2009, p. 58)

Se as condições arroladas pela pesquisadora são mais propriamente ligadas ao contexto sócio-histórico da educação brasileira, ainda longe de soluções eficazes e satisfatórias, acrescentamos aqui uma condição que, embora também atrelada, como qualquer gesto discursivo e ideológico, aos contextos de produção determinados historicamente, pode ser considerada mais estritamente vinculada ao domínio de um saber acadêmico, de caráter linguístico e semiótico: a do domínio de teorias do texto e do discurso que ofereçam aos professores diretrizes para a abordagem dos textos na escola.

Ressalte-se ainda que o conceito de letramento ampliou-se para o de multiletramentos, englobando a prática de leitura e a utilização dos meios digitais. Mais relevância ganham então as teorias do texto e do discurso, que devem favorecer a análise de diferentes suportes, gêneros, linguagens, com os hibridismos e relações entre eles próprios na era digital.

Neste artigo, pretendemos oferecer uma reflexão sobre esse novo contexto educacional e pedagógico, apresentando exemplos de abordagem de textos variados na escola. Tomamos como parâmetro teórico a semiótica discursiva, teoria geral da significação, que favorece a análise de qualquer texto ou prática social por meio de instrumentos metodológicos consistentes, a partir da relação entre mecanismos de expressão ligados à materialidade das linguagens e aos conteúdos inscritos nos textos e nas práticas.

## **1 Letramento, multiletramentos e semiótica**

O conceito de letramento, introduzido no Brasil, a partir da segunda metade dos anos 1980, problematizava a ideia corrente, na época, de alfabetização como decodificação do código escrito. A emergência desse novo conceito indicava não só

uma preocupação com todos os fatores que envolvem a apreensão da leitura e da escrita, mas também com as transformações educacionais, sociais e econômicas resultantes disso. As condições para aquisição das habilidades de ler e escrever, que extrapolam a simples aplicação de um método de alfabetização, passaram a ser encaradas como processo amplo e complexo, com grande impacto sobre os sujeitos envolvidos.

Em um dos textos brasileiros inaugurais sobre o tema, Magda Soares apresenta o conceito, a partir da explicação do processo de tradução que resultou em letramento:

[...] palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: *letra-*, do latim *littera*, e o sufixo *-mento*, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em fermento, resultado da ação de ferir). *Letramento* é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (Soares, 2009, p. 18, grifos da autora)

Na explicação, evidencia-se o caráter processual do letramento, que, do ponto de vista da semiótica, poderia ser explicado com base na concepção de narratividade. Para a teoria, a narratividade é componente de todos os textos e pressupõe transformações de estado dos sujeitos em busca de objetos, que representam dados valores. Na narrativa do letramento, o sujeito passaria de um estado inicial disjunto com o objeto de valor escrita para um estado final de conjugação. Apropriar-se desse objeto, na perspectiva do letramento, significa adquirir não apenas a competência de interpretar um código, mas estar conjunto com uma gama de valores inscritos nas múltiplas práticas letradas. O conceito, ao chamar atenção para as condições de desenvolvimento da aquisição da escrita e de suas consequências, faz um alerta sobre o uso social da leitura, atentando para práticas e situações a que estão expostos os sujeitos letrados, dentro e fora da escola.

Tratar o letramento como conjunto de situações, que extrapolam a ideia escolar da alfabetização, era o que Magda Soares deixava claro, nessa época, ao exemplificar que:

...um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser *analfabeto*, mas ser, de certa forma, *letrado* (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, *letrado*, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda "analfabeta", porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do *letramento*, já é, de certa forma, *letrada*. (Soares, 2009, p. 24, grifos da autora)

Ao assumir que a leitura e a escrita não podem ser apartadas do “mundo”, a concepção sobre o ensino, em especial de Língua Portuguesa, vem enfrentando, nas últimas décadas, desafios provocados por profundas e velozes transformações nos modos de ler, escrever, conversar e interagir. Essas mesmas transformações incidiram sobre as teorias de texto e discurso, que têm no texto sua unidade de análise. A cada ferramenta tecnológica lançada, torna-se mais difícil delimitar os limites de um *corpus*, a dimensão de um texto, a composição de um gênero. Nos Estudos de Linguagem, pesquisas se voltam para a multimodalidade, o *design* textual, a intergenericidade, os letramentos digitais. Diversos são os conceitos que tentam apreender as mudanças desse tempo. O conceito de letramento é expandido para o de multiletramentos, que, segundo Rojo e Moura (2019, p. 20):

[...] aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.).

A concepção de texto como um todo organizado e estruturado precisou incorporar, cada vez mais, os processos, a práxis e a enunciação em ato. A semiótica compreende, por meio da noção de práxis enunciativa, que há uma instância responsável por atualizar no discurso “[...] as formas esquematizadas pelo uso ou ainda estereótipos e estruturas cristalizadas” (Fontanille, 2007, p. 271). Mas, ao mesmo tempo, essa mesma práxis prevê como possibilidade o surgimento de novas significações, a partir dos desvios, das subversões e das expansões dessas formas ou do emprego de novas formas e estruturas, “inovando de forma explosiva, assumindo-as como irredutivelmente singulares ou propondo-as para um uso mais amplamente difundido” (Idem, p. 272). Ao incorporar os processos contínuos e as gradações, a semiótica passou a ver o texto por uma ótica dinâmica, em que estão em jogo tanto as descontinuidades quanto as continuidades.

Pelo viés da semiótica, apresentaremos uma proposição teórica e aplicada ao ensino de leitura e produção de textos, considerando a pertinência dos multiletramentos. Para retomar a teoria, iniciemos acompanhando a análise de Barros (2015) sobre a construção discursiva na internet. Nessa análise, a semiótica parte das distinções entre as modalidades oral e escrita da língua, concentrando-se nas categorias de pessoa, espaço e tempo. Em relação a esta última, observa:

Os textos na internet ocupam posições temporais sempre intermediárias entre os pontos extremos da fala e da escrita ideais, pois ora se aproximam da caracterização temporal ideal da fala, como nos *bate-papos* por computador, que não são planejados antecipadamente, apresentam traços de reelaboração e são fragmentados, ora da escrita, como na troca de e-mails, em que, em geral, não há concomitância temporal, nem marcas de formulação. Dessa forma, os textos da internet do tipo bate-papo produzem aproximadamente os mesmos efeitos que os da fala, e os das trocas de e-mails, mais próximos da escrita, são considerados formais ou informais, menos ou mais acabados, mas não tão completos quanto a escrita ideal. (Barros, 2015, p. 16, grifo da autora)

Com essa análise, Barros demonstra que: “Como os discursos na Internet ocupam posição intermediária entre a fala e a escrita, podemos caracterizá-los como um complexo, tanto fala, quanto escrita” (Barros, 2015, p. 16). O modelo proposto por Greimas previa que o processo da significação poderia ser explicado por meio de um percurso em que patamares sobrepostos colocariam em relação estruturas profundas e estruturas de superfície. No nível mais profundo e abstrato, oposições categóricas de termos contrários eram mapeadas no quadrado semiótico, por meio da operação de negação. A união dos contrários, como por exemplo vida e morte, construiria o termo complexo. Um termo como zumbi poderia ser considerado complexo, já que formado pela união de morte e vida.

Greimas e Courtés admitiam que essa “coexistência dos contrários” constituía “um problema árduo” (Greimas; Courtés, 2008, p. 78), que ainda não apresentava solução satisfatória na teoria. Para eles, seria impossível haver conjunção de termos incompatíveis. A solução provisória encontrada era admitir a possibilidade de uma soma lógica entre contrários. Vê-se que, nesse estágio, a teoria operava com oposições categoriais descontínuas, como conjunção e disjunção, privilegiando a lógica da estabilidade. Tal perspectiva passou por revisões nos estágios posteriores da teoria. Já em *Semiótica das paixões* (Greimas; Fontanille, 1993, p. 40) discutia-se que: “a emoção estética, por exemplo, parece dificilmente discretizável; ou o mundo é marcado esteticamente ou não o é; ele pode ser mais ou menos estetizado, num modo contínuo, mas escapa, então, ao jogo das diferenças semióticas categoriais”.

Os estudos sobre a foria e a tensividade, inaugurados nessa obra, repensam as oposições categoriais e se concentram nos fenômenos contínuos, admitindo que descontinuidades e continuidades constituem e caracterizam duas formas de produção do sentido. De acordo com Fontanille (2007, p. 58, grifos do autor), a tensividade:

[...] situa a representação das estruturas elementares na perspectiva de uma semântica do contínuo. Além disso, articulando um espaço tensivo das *valências* e um espaço categorial dos *valores*, a estrutura tensiva conjuga as duas grandes dimensões da significação: o sensível e o inteligível.

Retornando à análise de Barros (2015), observa-se que ela apresenta pontos em comum com o que Dudeney et al. (2016, p. 24) denominam de “letramento em SMS”, isto é, a capacidade de o indivíduo usar o “internetês” para se comunicar. Para os estudiosos dos letramentos digitais, o uso da linguagem em salas de bate-papo e aplicativos de mensagens via celular “se localiza nalgum lugar entre a fala e a escrita”. (Idem, p. 24). Sobre a interseção fala/ escrita, exemplifica Barros:

Um bom exemplo da complexidade entre a fala e a escrita é o do jornal *online*. Nele, a notícia dada é, constantemente, atualizada, sempre que reformulações forem necessárias: assim, em um acidente ou catástrofe, no mesmo texto vai sendo *corrigido* o número de mortos e feridos; em um crime, acrescentam-se novos dados das vítimas e dos criminosos; em um evento, alteram-se os participantes e o público, apagando-se as informações anteriores. Em outras palavras, tal como na escrita, a formulação e a reformulação não deixam marcas no texto final refeito e, tal como na fala, as diferentes versões, conservadas no texto geral *online* que as integra, explicitam as correções, paráfrases e repetições do processo de reformulação textual. (Barros, 2005, p. 19-20)

A complexidade que faria coexistir as modalidades falada e escrita é analisada pela semiótica, a partir das formulações tensivas de Zilberberg (2006) sobre os modos de junção. Para Zilberberg, a junção (conjunção/ disjunção) abrangeria os modos implicativo (se ... então) e concessivo (embora...). Por meio desse raciocínio, temos que:

Os discursos na internet operam, assim, a conjunção concessiva entre contrários, de que resulta o termo complexo: fala (próxima, descontraída, incompleta, subjetiva), embora escrita (distante, formal, completa, objetiva), ou escrita, embora fala. (Barros, 2015, p. 20)

Ao tomar a complexidade pela ótica tensiva, o estudo comprova que a comunicação pela internet, sendo uma espécie de afirmação da concessão, constrói efeitos de exacerbação, de largo alcance e extensa duração, ao ser fala, embora escrita, ou escrita, embora fala. A análise aqui exposta apresenta um bom exemplo de como as categorias semióticas fornecem explicação teórica ao caráter complexo da internet, que é intuitivamente percebido pelo usuário comum e constantemente apontado por estudiosos das mídias digitais. A análise ilustra bem a vocação metodológica da semiótica para explicar o processo de construção dos sentidos.

Retomando os efeitos criados pela internet que foram apontados por Barros – exacerbação, largo alcance e extensa duração –, observa-se que não se restringem à relação entre fala e escrita. Todos sabemos que tecnologias digitais revolucionaram a captação e a distribuição de informações. Isso se deve, segundo o filósofo da cibercultura Pierre Lévy, às qualidades técnicas da informática, pois ela “reúne técnicas que permitem digitalizar a informação (entrada), armazená-la (memória), tratá-la automaticamente, transportá-la e colocá-la à disposição de um usuário final, humano ou mecânico (saída)” (Lévy, 1999, p. 33). Tais modos de tratar os conteúdos implicam mudanças sociais que, conseqüentemente, impactam o ensino.

Do ponto de vista da semiótica, acredita-se que é possível contribuir nesse contexto, mobilizando, por exemplo, o conhecimento desenvolvido sobre as categorias da enunciação. É preciso repensar como o espaço, o tempo e as relações entre enunciador e enunciatário se dão no espaço virtual de comunicação. Tomando o gênero notícia como ilustração, é preciso levar em conta os diferentes suportes (jornal, sites de notícias, redes sociais) que o põem em circulação. Uma notícia impressa contrai uma relação sintagmática, por meio da estratégia enunciativa da montagem da página, com outras notícias, títulos e fotografias. Além disso, obedece a uma determinada distribuição dentro do jornal, organizado em seções e cadernos.

Observemos um breve exemplo. A página 10 da seção País do jornal *O Globo* de 30/10/2019 apresenta quatro textos. Ao texto de um articulista, na faixa superior da página, segue-se a notícia principal da página, intitulada “Bolsonaro recua e pede desculpas ao Supremo”, acompanhada de fotografia. No centro da notícia há um quadro intitulado “Opinião do Globo” cujo título é “Imperdoável”. Abaixo dessa notícia principal, na faixa inferior da página, aparece a segunda notícia: “Principal assessor internacional do presidente reafirma provocações”. Uma observação ligeira dos títulos revela clara relação de oposição, concretizada pelas figuras *recua e desculpas vs. reafirma e provocações*. Sobre o título da segunda notícia, aparece, em destaque, uma frase com letras azuis e caixa alta em que se lê “Enquanto isso...”. A cor e o tipo de fonte são os mesmos usados nos títulos das seções do jornal. Essa expressão temporal posta entre as duas notícias explicita a relação entre elas, reforçando a subjetividade e o ponto de vista do jornal. A relação

coesiva entre os dois títulos é uma estratégia enunciativa que acentua a contradição entre a fala do presidente e a de seu assessor.

No exemplo, vê-se que a relação de concomitância no espaço da página oferece as condições para tal estratégia enunciativa, que seria desfeita, caso um leitor do jornal na versão *online* compartilhasse uma ou outra notícia em rede social. Uma notícia ao ser compartilhada sofre coerções físicas e materiais do suporte, tendo que lidar não só com a redução espacial, pois a tela é geralmente menor do que a página do jornal, mas também com a dissolução das relações intertextuais estabelecidas na página do jornal, tendo em vista que as notícias se separam e a totalidade da página é desfeita. Na passagem do jornal impresso ao *online* não basta transpor os conteúdos, mas adaptar as estratégias enunciativas considerando as ações de compartilhar, curtir, comentar, próprias dos textos digitais. Além disso, o próprio ritmo de leitura muda e passa a ser, muitas das vezes, mais veloz e acidentado, se consideramos que um usuário de telefone móvel lê enquanto anda pela rua, conversa ou dirige.

No caso observado, o compartilhamento interfere na produção do sentido não por alterar a dimensão do texto, que permanece a mesma, mas por modificar o objeto de inscrição e as práticas de leitura, o que interfere na apreensão da orientação argumentativa criada na página impressa do jornal. O transporte da informação digital garante a velocidade da distribuição, mas, por outro lado, fragmenta a apreensão dos sentidos. Efeitos de inacabamento, dispersão e fragmentação são constantemente percebidos pelos leitores contemporâneos. De modo análogo, o consumo de música por *streaming* permite que ouçamos rapidamente o último lançamento do momento, reduzindo, contudo, as relações sintagmáticas entre as canções de um álbum e a ampliação dos sentidos pelas relações criadas entre as músicas e os elementos do encarte do CD como fotografias, ilustrações e textos.

Gomes (2015), ao analisar o perfil do enunciatário de poesias digitais, chama atenção para o fato de que muitas vezes os poemas só se desenrolam na tela por meio de ações do enunciatário, como clicar ou passar o mouse sobre dadas palavras ou sílabas:

O próprio texto aponta, portanto, para o fato de que o seu destinatário, além de curioso e experimentador, saiba como funciona a textualização no texto digital, um conhecimento prévio pressuposto a uma forma de operar necessária para que o enunciado se realize em suas formas possíveis. (Gomes, 2015, p. 353)

Explicitar o funcionamento de textos multimodais e particularmente da “textualização digital” é imperativo quando se fala em multiletramentos. É necessário compreender, de um lado, como as relações entre diferentes linguagens num mesmo enunciado configuram uma unidade de sentido e, de outro, como novos suportes e novas práticas de leitura interferem na textualização, ou, melhor dizendo, compõem novos modos de textualizar. Trataremos dessas duas questões nos itens seguintes.

## 2 Sincretismo e multimodalidade

Como vimos, o conceito de multiletramentos problematiza, de um lado a circulação do texto em diferentes situações sociais e culturas e, de outro, a relação

entre múltiplas linguagens. Tal preocupação sempre esteve presente para a teoria semiótica, que, para tratar da “heterogeneidade multimodal” dos textos, observa a resolução sincrética que os submete a uma estratégia enunciativa (Fontanille, 2008, p. 33). Textos constituídos de diferentes linguagens de manifestação não podem ser analisados apenas pelas correspondências, superposições e relações estabelecidas entre as diferentes linguagens. É preciso pensar que “a resolução da heterogeneidade multimodal deve [...] ser intersemiótica, chegando aos sincretismos” (Fontanille, 2005, p. 78).

Já nas primeiras definições sobre o tema, a semiótica trata o texto sincrético como aquele que se caracteriza pela mobilização de múltiplas linguagens de manifestação, como um programa de televisão, um filme, um cartaz, uma história em quadrinhos entre outros. O estudo de textos sincréticos tem como tarefa descrever e explicar as estratégias enunciativas que criam o efeito de unidade em cada um desses textos, observando como as diferentes manifestações do plano da expressão se articulam para produzir uma forma da expressão que corresponda a uma totalidade de conteúdo. Essas estratégias estão definidas em práxis enunciativas que organizam a comunicação, estabelecem previsibilidades de produção e interpretação e preveem a inscrição de novas formas de dizer. Como explica Fiorin (2010, p. 62):

Os usos sedimentados, resultantes da história, determinam todo ato de linguagem. O enunciador, no momento da enunciação, convoca, atualiza, repete, reitera um “já dado” (gêneros, modos de dizer etc.), mas também o revoga, recusa-o, renova-o e transforma-o. Há um domínio do impessoal que rege a enunciação individual. É preciso ficar claro, no entanto, que, muitas vezes, a enunciação individual insurgese contra esses modos de dizer sedimentados, dando lugar a práticas inovadoras, que criam significações inéditas. Esses enunciados, assumidos, por sua vez, pela prática coletiva, podem consolidar-se em novos usos, que, por sua vez, podem ser eliminados.

Assim, se tomarmos uma capa de livro ou uma página inicial de blog, para além das diferenças de gênero, suporte, esferas de circulação e finalidades comunicativas, a análise deverá considerar a organização visual dos elementos verbais e imagens como concretização de uma estratégia enunciativa que configura determinada práxis. Numa capa de livro, dados como nome da obra, do autor e de informações editoriais, em geral dispostos em relação com imagens ou simplesmente sobrepostos a fundo neutro, indicam as regularidades de uma práxis enunciativa que se abre a intervenções cujo grau de surpresa, apelo e arranjo estético tensiona a previsibilidade.

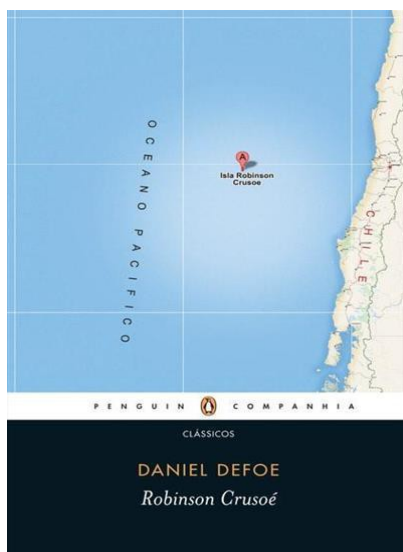
Vejamos como a mesma obra, ao receber tratamento editorial diferente, indica estratégias de persuasão dirigidas a públicos distintos. Um clássico de aventuras como *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, por exemplo, traz na capa das edições Penguin Clássicos (2011) uma organização em três faixas horizontais (cf. Figura 1): a faixa superior, que ocupa mais da metade da capa, é ilustrada por uma imagem do oceano Pacífico, em que se inscreve um pequeno ponto indicado como *Isla Robinson Crusoe*, e um pedaço de mapa à direita, com a inscrição *Chile*; a segunda faixa, estreita e intercalada, traz sobre fundo branco o nome e logomarca da editora; a terceira apresenta, sobre fundo preto, o nome da coleção (*Clássicos*), do autor e da obra. Sem fazer aqui análise exaustiva, observemos apenas que, na faixa superior, a rarefação de elementos figurativos e a expansão da cor fria e clara acentuam o tamanho e solidão da ilha, permitindo ao possível leitor um voo de



imaginação em torno do isolamento da personagem e consequentes aventuras que viverá. Ainda nessa faixa, observa-se a única intervenção da verticalidade (no nome do oceano e no mapa com o nome do país), que funciona como demarcação dos limites largos em torno da ilha.

A harmonia cromática das três faixas, o destaque da ilustração de pouca densidade figurativa e a indicação discreta dos dados da obra criam um conjunto de elegância estética e simplicidade, para acentuar os vazios e permitir ao leitor preenchê-los de sentidos.

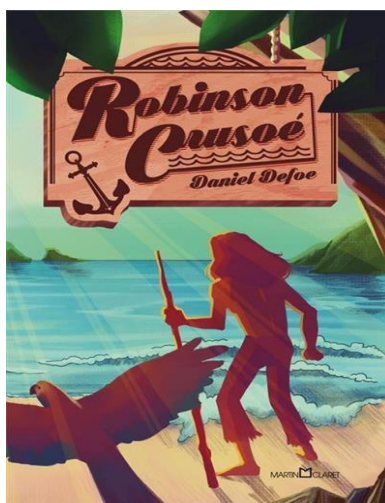
**Figura 1:** Capa de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, edição Penguin Clássicos (2011).



**Fonte:** <https://www.travessa.com.br/robinson-crusoe/artigo/4cd67bd5-716f-472d-859b-28a437c339ef>. Acesso em: 04 nov 2019.

Já na capa da edição da Martin Claret (2017), o recobrimento figurativo deixa pouco espaço para a intervenção do leitor (cf. Figura 2):

**Figura 2:** Capa de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, edição da Martin Claret (2017).



**Fonte:** <https://www.travessa.com.br/robinson-crusoe/artigo/cc0a3bf8-a301-45d6-a2b7-848ab5e3c1a>. Acesso em: 04 nov 2019.

Cores vibrantes, espaço ocupado em sua totalidade pelo desenho ilustrativo e inscrição do nome do autor e da obra no próprio desenho são elementos que anunciam a narrativa que se lerá, demarcando os sentidos da aventura. Na comparação entre as duas capas, a relação entre vazio/cheio, retilíneo/curvilíneo e cromatismo frio/cromatismo vibrante acentuam no plano da expressão a oposição entre rarefação e preenchimento, que determina, no plano do conteúdo, um projeto de leitura, uma finalidade comercial e comunicativa e um perfil de leitor.

Também num blog, a práxis enunciativa que estabelece padrões e prevê possibilidades de ruptura poderá contar com recursos que permitirão ao internauta maior ou menor abertura de opções de navegação. Certos programas que permitem a criação de blogs dentro de formatos pré-concebidos ilustram bem as coerções do gênero, identificadas com o que uma práxis enunciativa tem de previsível e padronizado. Já as criações geradas a partir de esquemas disponíveis, que fazem variar, por exemplo, o menu de possibilidades de navegação, o cromatismo da primeira rolagem, a distribuição de colunas e faixas atualiza o que a práxis tem de abertura para o novo e o surpreendente. O blog de um jornalista hospedado no site de um jornal reproduzirá certa identidade que faz permanecer na individualidade da intervenção do jornalista, vinculado a determinado campo de opinião (política, economia, meio ambiente etc), a marca social do jornal. Já um blog jornalístico desvinculado da marca de um órgão de imprensa terá maior liberdade de configuração visual e temática da página. Um blog científico ligado a uma instituição de pesquisa tem, em geral, organização mais contida que a de um blog de divulgação científica hospedado no portal de uma revista de curiosidades.

A atenção à configuração semiótica desses objetos verbovisuais favorece o multiletramento, ao permitir que se compreenda a articulação entre as diferentes linguagens e a estratégia enunciativa que as reúne numa totalidade de sentido.

### 3 Práticas semióticas

Em artigo sobre letramentos metamidiáticos, Jay Lemke (2010, p. 459) afirma que:

Os letramentos não podem ser analisados adequadamente se consideramos apenas o que as pessoas fazem. Devemos compreendê-los como parte de sistemas mais amplos de práticas que dão coesão à sociedade, que fazem dela uma unidade de organização própria e dinâmica muito mais ampla do que o indivíduo.

A formulação de Lemke sobre a importância de compreensão das práticas como sistemas que conferem coesão à sociedade e abarcam os letramentos pode ser interpretada à luz da semiótica por meio da concepção de práticas semióticas. Para dar conta das práticas Jacques Fontanille (2008a) postula uma ampliação dos planos de imanência semiótica, que seriam compostos por seis níveis: (1) Signos, (2) Textos-enunciados, (3) Objetos, (4) Cenas práticas, (5) Estratégias, (6) Formas de vida, cada um deles descrito enquanto instância formal, que reclama um tipo específico de experiência e é composto por uma instância material. Por meio do estudo das práticas semióticas, o autor propõe um tratamento formal para as experiências que se convertem em semióticas-objetos e tornam-se analisáveis, ao mesmo tempo em que mostra que a matéria (substância) evocada em um nível ganha contorno formal no nível superior.

**Tabela 1:** Sistematização dos níveis de pertinência.

TIPO DE EXPERIÊNCIA	INSTÂNCIAS FORMAIS	INTERFACE	
<i>Figuratividade</i>	<b>Signos</b>	<i>Formantes recorrentes</i>	
<i>Coerência e coesão interpretativas</i>	<b>Textos-enunciados</b>	<i>Isotopias figurativas da expressão</i>	Forma
		<i>Dispositivo de enunciação/inscrição</i>	Substância
<i>Corporeidade</i>	<b>Objetos</b>	<i>Suporte formal de inscrição</i>	Forma
		<i>Morfologia práxica</i>	Substância
<i>Prática</i>	<b>Cenas práticas</b>	<i>Cena predicativa</i>	Forma
		<i>Processos de acomodação</i>	Substância
<i>Conjuntura</i>	<b>Estratégias</b>	<i>Gestão estratégica das práticas</i>	Forma
		<i>Iconização dos comportamentos estratégicos</i>	Substância
<i>Éthos e comportamento</i>	<b>Formas de vida</b>	<i>Estilos estratégicos</i>	

**Fonte:** Fontanille, 2008a, p. 34, adaptada por Schwartzmann (2013, p. 142).

Ao conceber a divisão em níveis como um percurso, Fontanille (2008b) recorre ao caráter descontínuo da análise e, simultaneamente, chama atenção para as operações integrativas e a conversão entre níveis.

As práticas recebem uma “forma”(constituintes) de sua confrontação com as outras práticas e, por isso, de um lado, integram os elementos materiais dos níveis inferiores (signos, textos, objetos) para torná-los elementos distintivos e pertinentes e lhes dar “sentido”, e de outro lado, recebem um “sentido” de sua própria participação nos níveis superiores (estratégias e formas de vida). (Fontanille, 2008b, p. 21)

A hierarquia entre os planos de imanência permite justamente uma segmentação da experiência, de modo a torná-la um objeto de estudo. Assim, a instância formal dos textos-enunciados prevê uma experiência interpretativa das relações de coesão e coerência, como observamos no exemplo da leitura da página do jornal. Na análise do jornal online, o nível objetual reclama pertinência quando estão em jogo as cenas práticas de curtir e compartilhar, por exemplo. No nível do objeto, que supõe a experiência da corporeidade, o suporte formal de inscrição permite dadas experiências corporais (uso do mouse, uso do celular, computador), que, no nível superior das cenas práticas, ganham forma como cenas predicativas. O fato de o texto estar escrito em uma folha, um bloco de argila, na areia ou na tela do computador não é pertinente para a análise da experiência interpretativa, já que o dispositivo de inscrição fica presente apenas como substância e não se faz pertinente na análise. Ao considerar o objeto e analisar o suporte formal de inscrição de um texto, o semioticista amplia a pertinência analítica.

Uma logomarca, por exemplo, precisa ser aumentada, diminuída, ter as fontes mais ou menos espessas, a cor realçada ou apagada, a depender do objeto em que é reproduzida: um crachá, uma camisa, uma bolsa, um banner. A morfologia do objeto, composta pelo tamanho, textura (maleável, rígida, lisa, porosa) e lugar onde é fixado se impõe e interfere no plano de expressão textual. Caso a análise

recorte tais características, está, pois, ampliando o nível de pertinência. Na passagem de um nível inferior a um superior, “*acrescentamos uma dimensão ao plano da expressão. [...] Do texto-enunciado ao objeto (sobretudo objeto-suporte), acrescentamos a dimensão da espessura (portanto, do volume) e da complexidade morfológica do próprio objeto*” (Fontanille, 2008b, p. 26-27, grifos do autor). O nível do objeto precisa ser considerado na leitura dos textos digitais, pois são muito diferentes as dimensões e as tecnologias envolvidas, por exemplo, numa rede social, num site que roda no computador e naquele desenvolvido para um dispositivo móvel.

No ensino de leitura e interpretação de textos, as experiências interpretativas, que integram a experiência da figuratividade do nível dos signos, sempre foram consideradas ou ao menos deveriam ser. Pelo prisma da semiótica, a interpretação do texto deve partir justamente da compreensão das cadeias figurativas que o alinhavam. A leitura do gênero narrativas de aventuras, por exemplo, deve considerar de que modo o espaço e o tempo são figurativizados para construir o deslocamento das personagens, que nesse gênero costumam movimentar-se entre diversas situações de mistérios e perigos. Numa obra de pintura acadêmica, as relações de proporção, perspectiva e cromatismo costumam recobrir figuras que acentuam a iconicidade da representação, para garantir o reconhecimento de paisagens, tipos, pessoas e cenas associados ao mundo biológico, físico, concreto.

Nota-se, porém, que os gêneros emergentes como postagem, *podcast*, os games e a própria publicidade contemporânea desafiam esse nível de experiência e levam estudiosos e professores a perceber que é preciso extrapolar a análise das cadeias figurativas projetadas no enunciado. É preciso trazer para o ensino, além do letramento impresso e da capacidade de associar linguagens em textos sincréticos, os letramentos digitais. A grande dificuldade que se apresenta é saber como tratar a relação desses textos com os objetos. Os textos-enunciados que circulam em meios digitais tornam-se mais complexos do que gêneros textuais tradicionalmente trabalhados, uma vez que ganham forma no suporte. As experiências corporais que os objetos evocam e os efeitos construídos por elas ainda não foram suficientemente compreendidas, tampouco exploradas nas metodologias de ensino dos letramentos digitais.

Em uma atividade cujo objetivo seja ensinar o gênero abaixo-assinado, considerando o nível do texto-enunciado, o trabalho escolar certamente se voltará para o papel argumentativo e reivindicativo do texto, para sua estrutura composicional, constituída do corpo do texto seguido de uma sequência de assinaturas, para as temáticas que costumam aparecer no gênero, entre outras questões. Sabe-se que hoje os abaixo-assinados podem ser feitos em sites especializados, logo os aspectos apontados como relevantes quando se considera o texto-enunciado não habilitam o estudante a compreender e produzir o gênero digital em circulação. Em um site como o [change.org](http://change.org), por exemplo, o internauta pode ler diversos abaixo assinados, mas há abas específicas para fazer abaixo-assinado, acompanhar um abaixo-assinado criado, explorar o site etc. Para usar todas essas possibilidades, é preciso clicar, abrir os hiperlinks, ler e compreender os comandos. Isso põe em jogo o “letramento em hipertextos”, isto é, a “habilidade de processar hiperlinks apropriadamente e de usá-los para incrementar com eficiência documento ou artefato” (Dudeney et al. 2016, p. 27). O texto, portanto, se desdobra e prevê diferentes ações e julgamentos do destinatário. Observemos na reprodução a seguir um extrato da página destinada à assinatura do abaixo-assinado (Figura 3):

**Figura 3:** Página destinada à assinatura do abaixo-assinado online.

151.557 pessoas já assinaram. Ajude a chegar a 200.000!

Bruno Ferreira assinou há 5 minutos

Samuel Trempe assinou há 23 minutos

Nome Ⓜ

Sobrenome

Email

Concordo que AMPARA Animal possa entrar em contato comigo no futuro

Exibir minha assinatura e meu comentário neste abaixo-assinado

**Assinar este abaixo-assinado**

Ao assinar, você aceita os [Termos de uso](#) e a [Política de privacidade](#) da Change.org, e concorda em receber e-mails ocasionais sobre mobilizações feitas na Change.org. Você pode cancelar a qualquer momento.

**Fonte:** [https://www.change.org/p/prefeitura-de-são-paulo-contr-a-abertura-de-novos-zoos-e-aquários-na-cidade-de-são-paulo?source\\_location=topic\\_page](https://www.change.org/p/prefeitura-de-são-paulo-contr-a-abertura-de-novos-zoos-e-aquários-na-cidade-de-são-paulo?source_location=topic_page) . Acesso. 02 Nov. 2019

A tarja vermelha com a inscrição “Assinar este abaixo-assinado” ocupa lugar de destaque, mas antes de efetivamente assinar, o leitor precisa informar dados pessoais, escolher se concorda ou não em ser contactado pela instituição, decidir se quer que sua assinatura seja exibida, aceitar “termos de uso” e “políticas de privacidade”. Nota-se facilmente, em comparação ao abaixo-assinado feito numa folha de papel, que na internet se sobrepõem diversas habilidades de uso do objeto, bem como se multiplicam as cenas práticas. Além do texto argumentativo do abaixo-assinado, é preciso ensinar a ler criticamente a participação em rede.

Ao letramento em hipertexto soma-se o letramento crítico que abarca comportamentos e a segurança na rede. O ensino desse tipo de letramento vai além do nível das práticas, pois o que se mobiliza são as estratégias. Segundo Fontanille (2008a, p. 28, tradução nossa<sup>1</sup>): “[...] cada cena prática deve se acomodar, no espaço e no tempo, a outras cenas práticas concomitantes e não concomitantes. A estratégia é em suma um princípio de composição sintagmática das práticas entre elas”.

A BNCC prevê, em competências e habilidades voltadas ao 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, o trabalho com campanhas publicitárias. Para isso, não basta trabalhar separadamente os gêneros desse domínio discursivo. A campanha em si pressupõe uma estratégia, marcada por uma experiência de conjuntura, que articula textos de dimensões diversas, modalidades distintas, que se manifestam em múltiplos objetos. Ao trabalhar com uma campanha composta por panfletos, anúncios de TV e ações de rua, é preciso considerar que uma campanha é “o conjunto de peças publicitárias produzidas e veiculadas de maneira coordenada, de

1 Trecho original: “[...] chaque scène pratique doit s’accommoder, dans l’espace et dans le temps, aux autres scènes et pratiques, concomitantes ou non concomitantes. La stratégie est en somme un principe de composition syntagmatique des pratiques entre elles.”

acordo com determinados objetivos de propaganda de um produto ou serviço, marca, empresa ou qualquer instituição, opção política etc” (Rabaça, 2014, p. 34-35). Além da análise de cada gênero, considerando o sincretismo de linguagens e as cadeias figurativas, é preciso levar em conta a situação semiótica de distribuição de materiais, a dimensão dos suportes, cujo tamanho influencia no desdobramento ou na condensação da mensagem, entre outros aspectos.

O nível da estratégia pode ser observado, ainda, no que Dudeney et al. (2016) chamam de “letramento em pesquisa”. Para eles, é preciso ensinar a fazer “[...] uso eficiente de ampla gama de motores e serviços de busca [...]” (p. 38). Esse tipo de letramento vai formar o estudante para adotar estratégias de busca, usando palavras-chave adequadas, explorando os diversos formatos de apresentação de resultados e desenvolvendo senso crítico diante dos resultados encontrados, aprendendo a diferenciar fontes confiáveis das não confiáveis. Nesse caso, o aluno estará sendo formado para ler textos e usar objetos da prática semiótica da pesquisa, que supõem diversas cenas, como digitar, navegar na internet, comparar. Com isso, busca-se levá-lo a identificar as estratégias usadas na apresentação de resultados dos sites de busca, a ler criticamente a ordem dos sites encontrados, a observar se a lista apresenta anúncios. A interface de cada usuário da rede apresenta uma personalização, em função das buscas anteriores. Isso exige preparo para compreender como se dá a circulação de informações pessoais na Internet, considerando os interesses comerciais que recaem sobre a prática da pesquisa. É preciso que os estudantes sejam formados em múltiplos letramentos.

A análise semiótica que prevê a expansão dos níveis de pertinência explícita os modos de integração entre os níveis. Das realizações canônicas em que “os textos integram as figuras, os objetos integram os textos, as práticas integram os objetos, etc.” (Fontanille, 2008b, p. 27), e das variações previstas resulta a dimensão retórica do percurso. Vale ainda dizer que os movimentos integrativos podem ser (1) ascendentes (dos signos às formas de vida) ou (2) descendentes (das formas de vida aos signos), atentando para o fato de que esses movimentos não são contrários. Nos movimentos de expansão (tipo 1), o texto será escrito em um objeto e este será usado em uma prática. Já na condensação (tipo 2), sobressaem operações de representação e simbolização. São perfeitamente possíveis, ainda, integrações irregulares denominadas síncope, quando há um salto entre um ou mais níveis no percurso. Ao adquirir uma passagem de avião num site e baixar o bilhete diretamente para um aplicativo de telefone móvel haveria uma desmaterialização do suporte de escrita do bilhete, por meio de uma síncope. É comum observar a falta de confiança de alguns usuários, que sem o bilhete de papel em mãos, sentem-se não habilitados a participar da cena do embarque. Mesmo desconforto se vê no uso da calculadora ou da agenda do smartphone. Os *smartphones*, com toda a tecnologia que abrangem, são capazes de sincretizar diversos objetos.

A teorização sobre a conversão entre as instâncias materiais (substanciais) e não pertinentes, num dado nível N, em instâncias formais, dotadas de sentido em um nível superior (N+1), é muito produtiva na abordagem dos multiletramentos. Pensemos, por exemplo, no estatuto de verdade de notícias e informações que circulam na rede, nas ferramentas de segurança, nos usos de dados pelos algoritmos. Todas essas e muitas outras situações estão envolvidas na leitura e na produção de textos do século XXI.

## Conclusão

Ao tratar do multiletramento sob uma perspectiva semiótica pretendeu-se não só compreender o fenômeno por meio da análise de conceitos que o demarcam, mas também oferecer exemplos variados de formas de abordá-lo na escola. A compreensão narrativa do conceito permitiu observar a transformação nele proposta, que altera fortemente a concepção da aprendizagem da leitura. De mera decodificação e decifração de letras e sons, a leitura passa a ser compreendida como integração do leitor num ambiente letrado, habilitando-o a participar do mundo de forma socialmente responsável, crítica e engajada. Essa mudança de concepção encontra o desafio de novas mídias, suportes, gêneros e linguagens que alarga ainda mais seus objetos, propostas e métodos.

Com base nos conceitos de sincretismo e de prática semiótica, mostramos possibilidades de análise, com o objetivo de sugerir formas de praticar os multiletramentos de modo produtivo e relevante. Mostramos como a resolução sincrética de textos multimodais deve ser operada semioticamente, para revelar as estratégias enunciativas que configuram uma práxis por meio da qual os enunciados se organizam em textos filiados a gêneros, projetos e finalidades comunicativas. Por fim, examinamos alguns objetos digitais, com base na formulação do percurso de imanência do sentido proposto por Fontanille, para mostrar como operar com os desdobramentos, superposições e atravessamentos de funções advindos na comunicação contemporânea com o advento das mídias digitais.

Os desafios são muitos ainda e as novidades tecnológicas não cessarão de aparecer cada vez em maior velocidade. A escola precisa estar preparada para isso e uma teoria geral da significação como a semiótica tem enorme contribuição a oferecer à prática dos multiletramentos, bem como à compreensão teórica de suas formulações.

## Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na Internet. CASA: *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 13, n. 2. Araraquara, SP, 2015. p. 13-31. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8028>.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. *Letramentos digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FIORIN, José Luiz. Práxis enunciativa. In: PERNAMBUCO, J.; FIGUEIREDO, M. F.; SALVIATO-SILVA, A.C. (orgs.). *Nas trilhas do texto*. São Paulo: Universidade de Franca, 2010. [Col. Mestrado em Linguística, 5].
- FONTANILLE, Jacques. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*. [on-line], vol. 12, n. 2. Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. São Paulo, 2016. p. 1-9. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em 01 de outubro de 2019.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008a.
- FONTANILLE, Jacques. Práticas Semióticas. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (orgs.). *Semiótica e Mídia*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008b.

- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2007.
- GOMES, Regina Souza. O enunciatário em poesias digitais. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 13, n. 2. São Paulo: UNESP, 2015. p. 343-369.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien.; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- LEMKE, Jay. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em linguística aplicada*, vol. 49, n. 2. Campinas, 2010. p. 455-479.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário essencial de comunicação*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.



---

## Dados para indexação em língua estrangeira

SOUSA, Silvia Maria de; TEIXEIRA, Lucia  
Contributions from Semiotics to the practices of multiliteracies  
*Estudos Semióticos*, thematic issue  
“Contributions of semiotics and other theories  
of text and discourse to teaching”  
vol. 15, n. 2 (2019)  
issn 1980-4016

---

**Abstract:** *The article takes semiotics as its theoretical framework, the general theory of meaning that supports the approach of any text or social practice through the use of consistent methodological instruments, in order to reflect on the multiliteracies. Such concept is considered to be settled upon two main axes: the relationship between languages in the production of syncretic texts and the social practices in which they are put into social circulation. To illustrate the analysis possibilities and the contributions to teaching that stem from them, the article tackles, based on the levels of pertinence proposed by Fontanille and the concept of syncretism, the teaching of reading at school, going through different genres such as news, book covers, blogs, narrative adventures and online petitions. The analysis aims to play a part in facing the challenges imposed by the texts, objects and contemporary practices of teaching reading. It is also intended to deepen the dialog between semiotics and the theories concerning teaching and multiliteracies.*

**Keywords:** *multiliteracies; digital literacy; syncretism; enunciative praxis; semiotic practices.*

---

### Como citar este artigo

SOUSA, Silvia Maria de; TEIXEIRA, Lucia. Contribuições da Semiótica às práticas de multiletramento. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 46-62. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) . Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 31/07/2019

Data de aprovação: 22/10/2019

---